

# **Recortar-colar: estratégia de criação em *Diários públicos*, de Leila Danziger**

Késia Oliveira

No conto “O fazedor”,<sup>1</sup> de Jorge Luis Borges, o narrador se apresenta como alguém que havia escutado histórias, sem se indagar se estas seriam verdadeiras ou falsas, e com um punhal de bronze, “cortando da memória fatos e textos”, extrai lembranças, construindo, assim, sua trama. As ações desse personagem – selecionar e cortar – aproximam-se do que faz a artista plástica, escritora e pesquisadora Leila Danziger em *Diários públicos: sobre memória e mídia*,<sup>2</sup> cujo gesto essencial é o apagamento seletivo de jornais impressos.

Publicado em 2013, *Diários públicos* se divide em duas partes e contempla produções artísticas e literárias, fotografias das instalações e reproduções de ensaios de Danziger e de outros pesquisadores, como Luiz Cláudio da Costa e Márcio Seligmann-Silva. A primeira parte, “Para pensar o apagamento”, trata do trabalho homônimo ao livro que vem sendo desenvolvido desde 2001. A mostra compreende uma coleção de jornais dividida em extensas séries, como “Para Irineu Funes”, “Resistir-por-ninguém-e-por-nada”, “Para-ninguém-e-nada-estar”, “O que desaparece, o que resiste”. Nesses trabalhos, a artista se apropria de trechos literários, como versos de Paul Celan, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, inscrevendo-os sobre as páginas raspadas de jornais.

<sup>1</sup> BORGES, O fazedor, 2000.

<sup>2</sup> DANZIGER, *Diários públicos: sobre memória e mídia*, 2013.

A segunda parte do livro, "Tarefa infinita", é dedicada à instalação *Nomes próprios*, realizada pela artista entre 1996 e 2003. Produzida sob a técnica da fotogravura, a série reúne 76 gravuras de matrizes em metal e um conjunto de 12 livros feitos a partir de imagens extraídas de jornais alemães e, posteriormente, reproduzidas em serigrafia, nas quais constam nomes de judeus desaparecidos nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial que possuíam o mesmo sobrenome da artista.

Nesta comunicação, pretendo refletir sobre as estratégias de construção do texto na primeira parte do livro de Danziger, "Para pensar o apagamento", analisando em que medida a artista efetua uma prática intertextual ao realizar tanto o corte do jornal quanto o recorte do texto literário.

Os jornais selecionados por ela têm parte das informações das páginas apagadas, sendo submetidos a um processo que a artista chama de "depilação": eles são descascados, expostos ao sol, dobrados e carimbados. Para apagar as páginas, Danziger retira, com uma fita adesiva, a primeira camada de tinta, deixando apenas vestígios da impressão e, sobre essa página, inscreve um fragmento literário – como o verso "Não volto às letras, que doem como uma catástrofe", de Ana Cristina César –, uma palavra ou uma expressão – como os verbos "lembrar" e "esquecer" – que é, ali, carimbado. Para Márcio Seligmann-Silva,<sup>3</sup> esse trabalho se apresenta como uma poética da materialidade, o que pode ser visto no trato da artista com o papel-jornal, uma vez que se mantém parte da integridade da página ao mesmo tempo em que nela se inscreve uma rasura.

Segundo Danziger, o vetor de seu trabalho é:

a página da imprensa rarefeita, apagada, sabotada em sua função de documento, mas onde o texto jornalístico ainda pulsa na informação residual da imagem selecionada ou pelo avesso do papel. A integridade da página é mantida, e o que permanece é uma pele fina e transparente, uma matéria frágil, fugaz, sensível à luz, desafiadoramente mundana.<sup>4</sup>

Essa sabotagem da função de documento da página impressa desvia o sentido das imagens presentes e parece se estabelecer como uma função crítica, de contestação da realidade. De acordo com Luiz Cláudio

<sup>3</sup> SELIGMANN-SILVA, A arte de dar forma ao real, 2013.

<sup>4</sup> DANZIGER, *Diários públicos: sobre memória e mídia*, 2013, p. 26.

da Costa, “coleccionando jornais, [Danzinger] neutraliza o esquecimento, apagando imagens, faz ver figuras”.<sup>5</sup> Desse modo, a artista efetuará um resgate de memória no processo de fazer desaparecer quase totalmente a linguagem jornalística e deixar latentes imagens contemporâneas de tragédias e de abandono.

As séries de *Diários públicos* trazem, também, fragmentos de textos que são carimbados ao lado de imagens que, possivelmente, sem a intervenção de Danziger, seriam esquecidas devido ao envelhecimento acelerado da informação.

O verso “Para-ninguém-e-nada-estar” – homônimo ao título da série – de Paul Celan, poeta sobrevivente dos campos de trabalhos forçados durante a Segunda Guerra Mundial, é deslocado do contexto da Shoah e “enxertado” em imagens dramáticas da atualidade, como fotos de crianças em estado de exploração ou jovens marginalizados.

O carimbo vermelho sobre a página raspada faz emergir, para Vera Lins,<sup>6</sup> uma nova poética, a do esquecimento e da violência anônima. Danziger apaga a informação para pôr em cena essas pequenas catástrofes em um gesto crítico, fazendo emergir um resíduo a partir do hibridismo de gêneros. Danziger ao apagar o jornal e, ao mesmo tempo, conservar algo dele para que seja lembrado, parece apontar para uma poética que denuncia pequenas e grandes catástrofes do cotidiano.

Já em “Para Irineu Funes”, a artista carimba frases do conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges, na seção de publicidade dos jornais semiapagados. A inscrição dessas frases tensiona as noções de esquecimento e de informação, pois, para Danziger, “esquecer é uma medida higiênica e saudável diante da massa informativa e tantas vezes inútil dos meios de comunicação”.<sup>7</sup>

À maneira do narrador de Borges, Antoine Compagnon em *O trabalho da citação*,<sup>8</sup> afirma que “assim respondia um guarda-florestal à pesquisa de uma revista literária junto a seus leitores. Eu leio com a

<sup>5</sup> COSTA, *Diários públicos: o teatro da leitura*, 2013, p. 83.

<sup>6</sup> LINS, *Entre o excesso e a exceção*, 2005.

<sup>7</sup> DANZIGER, *Para-ninguém-e-nada-estar*, 2007.

<sup>8</sup> COMPAGNON, *O trabalho da citação*, 1996.

tesoura nas mãos e corto tudo o que me desagrade”.<sup>9</sup> Apesar de os recortes realizados não serem, possivelmente, motivados pelo desagrado, a estratégia de criação em *Diários públicos* se aproxima a esse “homem da tesoura”, que corta tudo o que lhe agrada e cola esse material onde lhe convém. A ideia de “corte”, portanto, é emblemática na obra, pois a artista efetua tanto o recorte do jornal quanto o do texto literário. Desse modo, os gestos conscientes – pois a transformação do texto jornalístico em objeto artístico é feita por meio de uma decisão refletida acerca do que deve permanecer e do que deve ser apagado da página – de recortar-colar de Danziger parecem se configurar conforme a prática e o valor da citação defendidos por Compagnon.

Para ele, os movimentos de recortar e de colar correspondem à prática do papel, sendo inerentes à constituição de um texto. O crítico aproxima, assim, escrita e citação e afiança: “escrever, pois, é sempre rescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação”.<sup>10</sup> Nota-se, assim, que a citação emerge da leitura para se transformar em escrita e, esta, para Compagnon, é concebida como um constante trabalho de reescrita. A escrita seria, desse modo, constituída de repetição, de memória e de imitação,<sup>11</sup> tendo em vista que o escritor recorta um fragmento, isto é, retira um texto de seu contexto para colá-lo em outro.

Ainda de acordo com Compagnon, a leitura repousa em uma operação apropriativa:

Ler, com um lápis na mão, como recomendava Erasmo, em *De Duplici Copia*, assim como todo ensinamento da Renascença, contornar algo do texto com um forte traço vermelho ou negro é traçar o modelo do recorte. O grifo assinala uma etapa na leitura, é um gesto recorrente que marca, que sobrecarrega o texto com o meu próprio traço. Introduzo-me entre as linhas munido de uma cunha, de um pé de cabra ou de um estilete que produz rachaduras na página; dilacero as fibras do papel, mancho e degrado um objeto: faço-o meu.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> COMPAGNON, *O trabalho da citação*, 1996, p. 30.

<sup>10</sup> COMPAGNON, *O trabalho da citação*, 1996, p. 41.

<sup>11</sup> COMPAGNON, *O trabalho da citação*, 1996, p. 14.

<sup>12</sup> COMPAGNON, *O trabalho da citação*, 1996, p. 17.

A impressão do carimbo sobre a superfície do papel utilizada em *Diários públicos* pode ser vista como uma forma concreta da metáfora da citação, conforme evidencia o trecho de Compagnon, já que se trata de uma leitura sempre grifada. Danziger, desse modo, realiza um trabalho de citação que ultrapassa os limites da página, cortando-a literalmente e carimbando os poemas alheios, isto é, gravando, no papel, a palavra poética. O jogo de recortar-colar entendido, nesse contexto, a partir de um processo metafórico de leitura e de escrita inerente à criação literária, é realizado pela artista de uma forma visível, isto é, na materialidade da página.

Nesse gesto literal, a artista rasura, de certo modo, dilacerando as páginas do jornal para rearranjá-las como suas, em um movimento que se aproxima da figura do *bricoleur*, isto é, daquele que faz do texto uma colagem, no sentido proposto por Compagnon em que “toda escrita é colagem [...], é citação, é comentário”.<sup>13</sup> A colagem, nessa perspectiva, realiza-se em *Diários públicos* no desagregar do texto literário que é deslocado de seu contexto inicial e, a partir do carimbo, enxertado em um novo e este, por sua vez, é também uma página extirpada, que deixou de ser um texto jornalístico para se tornar um objeto artístico. Como um *bricoleur*, isto é, como alguém que faz um trabalho manual que aproveita toda espécie de materiais e objetos disponíveis, Danziger constrói sua obra com restos (do jornal) e com fragmentos (literários) inscrevendo-os, ou “colando-os” em uma espécie de “colagem sem cola”.

A raspagem do texto jornalístico e o deslocamento do texto literário de seu contexto promovem, ainda, uma suspensão de hierarquia, colocando em xeque os gêneros. Nesse sentido, a artista efetua a produção de uma obra artística que pode ser vista como um corpo multifacetado, marcado pelo diálogo entre a literatura e as artes visuais.

Danziger, ao manipular, então, os mais variados textos, faz emergir um resíduo que surge do hibridismo de gêneros, inscrições e aponta, ainda, para uma poética do fragmento, que se daria a partir da apresentação, como em álbum, das imagens e dos textos retirados de seus

<sup>13</sup> COMPAGNON, *O trabalho da citação*, 1996, p. 3.

contextos bem do próprio processo utilizado, que tem um caráter essencialmente fragmentário.

As imagens e textos, assim, são reorganizados: os textos carimbados sob a imagem não são legendas, mas funcionam livremente na imagem ali impressa. Nesse sentido, *Diários públicos* constrói, a partir do esvaziamento do conteúdo da folha de jornal, outras significações para os textos, fora do senso comum, configurando-se uma intervenção artística singular.

Sob o signo da apropriação, a partir da confluência da linguagem artística, jornalística e literária e construindo, por meio de fragmentos alheios, um texto híbrido, Danziger ressignifica textos gráficos e imagéticos, apontando para o caráter múltiplo da arte contemporânea que parece se realizar, simultaneamente, pelo apagamento e pela inscrição, isto é, pelo recortar e colar.

## Referências

BORGES, Jorge Luis. O fazedor. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. V. 2. São Paulo: Globo, 2000, p. 177-178.

CEIA, Carlos. Bricolagem. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&link\\_id=165:bricolage&task=viewlink](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=165:bricolage&task=viewlink). Acesso em: 5 maio 2018.

COSTA, Luiz Cláudio da. Diários públicos: o teatro da leitura. In: DANZIGER, Leila (org.). *Diários públicos: sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2013, p. 82-90.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DANZIGER, Leila (org.). *Diários públicos: sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2013.

DANZIGER, Leila. *Para-ninguém-e-nada-estar*. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – 24 a 28 de setembro de 2007 – Florianópolis. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/144.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

DANZIGER, Leila. *Works*. Disponível em: <http://www.leiladanziger.com/works.html>. Acesso em: 5 maio 2018.

LINS, Vera. Entre o excesso e a exceção: a profanação do jornal. *Outra travessia: Revista de Pós-Graduação em Literatura*, n. 5, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12589>. Acesso em: 5 maio 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A arte de dar forma ao real: a poética da memória de Leila Danziger. In: DANZIGER, Leila (org.). *Diários públicos: sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2013, p. 150-154.